



Antropologia Teológica do Feminino: percurso e provocações

Theological Anthropology of the Feminine: route and provocations

Karen de Souza Colares*

Resumo: A Antropologia Teológica considera a realidade humana tendo como pano de fundo a percepção da existência e atuação de Deus. Esta área construiu, como tantas outras ciências, elaborações mediadas por linguagem e referências androcêntricas. Sob pretexto da isenção de interesses particulares, esse modo de fazer Teologia contribuiu para a insistente invisibilidade daqueles que não eram os parâmetros do modelo antropológico plasmado. Assim, o múltiplo fenômeno humano foi, por longo tempo, refletido de maneira reduzida no bojo da Teologia. No que se refere ao gênero especificamente, as experiências femininas foram tratadas como exceções à regra daquilo que efetivamente significa 'ser humano' e uma parcela considerável da sociedade viu sua vivência negligenciada quando o horizonte em foco era a experiência religiosa e aqui, aquela especificamente cristã. Em vias de provocar deslocamentos epistemológicos que produzam frutos socioeclesiais relevantes, este excerto possui dois objetivos básicos: traçar em linhas gerais as características da reflexão antropológica na Teologia e posteriormente, questionar de que modo este percurso pode ser renovado pelas intuições acerca do feminino.

Palavras-chave: Antropologia teológica. Androcêntrico. Gênero e feminino.

Abstract: The Theological Anthropology considers the human reality against the backdrop of the perception of the existence and action of God. This area constructed, like so many other sciences, language-mediated elaborations and androcentric references. Under the pretext of exemption from particular interests, this mode of doing Theology contributed to the insistent invisibility of those who were not the parameters of the anthropological model embodied. Thus, the multiple human phenomena has been for a long time, reflected in a reduced way in the bosom of Theology. With regard to gender specifically, women's experiences were treated as exceptions to the rule of what effectively means 'human being' and a considerable part of society saw their experience neglected when the focus was on religious experience and here, specifically Christian. In the process of provoking epistemological shifts that produce relevant socioecological fruits, this excerpt has two basic objectives: to outline the characteristics of anthropological reflection in Theology and then to question how this course can be renewed by intuitions about the feminine.

Keywords: Theological Anthropology. Androcentrism. Gender and feminine.

* Mestra em Teologia na área de Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Atualmente é Doutoranda na instituição e bolsista CAPES. E-mail: karencolares5@gmail.com



Introdução

Entre os interesses da sociedade moderna, a constituição e comportamento do sujeito ocupam certamente lugar de destaque. O perscrutar das várias esferas da existência e atuação humana tem ocupado os esforços das ciências naturais, Sociologia e Psicologia. Perspectivas as mais diversas disputam na arena das ideias sobre quais seriam as assertivas acerca da humanidade que melhor descrevem sua natureza e vocação. Os avanços referentes à biotecnologia elevaram o debate sobre quais elementos efetivamente compõem aquilo que se acostumou referir pela designação, 'natureza humana'. Nesse ínterim, a antropologia teológica emerge como uma peculiar alternativa. Se o horizonte acerca do Divino, pode em outras ciências constituir-se apenas em elemento secundário e apêndice dispensável, na Teologia certamente ocupará o centro. Remetendo à natureza criatural de todo ser humano, a Antropologia Teológica estabelecerá como dado primordial para a compreensão acerca da humanidade, que sua existência seja refletida a partir da realidade de Deus. As demandas e desdobramentos advindos desse dado inicial dificilmente se poderiam exagerar.

Linhas gerais do percurso da Antropologia Teológica

Enquanto área de estudos, a Antropologia Teológica tem um percurso detectável e por isso, passível de avaliação. Embora em muitos momentos as considerações acerca do humano tomem como que exemplares isolados, é fato fundamental que a relação entre os sexos compõe a experiência humana de modo cabal. Considerando-se tal horizonte, nada poderia ser mais apropriado em uma discussão antropológica do que tomá-la a partir da questão do gênero. Não apenas a categoria de gênero servirá para recortar a crítica que se pretende tecer aqui, mas também a localização da análise a partir de um ambiente sociocultural específico, neste ínterim, as sociedades ocidentais. Sendo as mesmas essencialmente embebidas de intuições antropológicas próprias da Teologia, são ambiente profícuo para a transversalidade, hora teológica, hora antropológica deste excerto. O amplo enraizamento cultural do Ocidente na percepção de mundo cristã demanda das variadas temáticas que tomem nota desta influência para aperfeiçoarem sua capacidade crítica. Também os ímpetos feministas, que reivindicam profundas mudanças na maneira como se articulam tópicos antropológicos, não podem se esquivar de um diálogo honesto com a presença de noções judaico-cristãs na cultura ocidental:

Além disso, feministas que se criaram em culturas ocidentais interiorizaram muitos esquemas e estereótipos bíblicos. As culturas ocidentais estão embebidas do simbolismo e dos valores das Escrituras. Para compreender a arte, a música e literatura ocidental é preciso dispor de certa cultura bíblica. As ideologias culturais e os estereótipos divulgados nos meios de comunicação continuam baseando-se na Bíblia e derivando dela. Textos e imagens bíblicas são fundamentais na



linguagem cultural de ódio contra as mulh*res, pessoas negras, homossexuais, judias e pagãs.¹

O Cristianismo cedeu à cultura muitas de suas aproximações interpretativas, tenham sido estas acertadas ou não. Cultura e religião se retroalimentam em concepções variadas, bem como oferecem resistência àquelas convicções que lhes parecem equivocadas. Um dos elementos compartilhados por ambas é a linguagem. Em se tratando de campos de estudo, as ciências em geral e a Teologia em particular, se utilizaram durante séculos de um modo de articulação androcêntrico. 'Homem' é maneira pela qual nos referimos à humanidade como um todo. A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificação, a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar visando sua legitimação. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica tendendo a ratificar a dominação masculina na qual se funda a divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos².

Repetidamente se argumenta que tal mecanismo linguístico possui caráter de neutralidade, contribuindo para que uma experiência que é multifacetada possa ser referida sem maiores complicações por um termo abrangente. Entretanto, a história do fazer teológico tem demonstrado que esta pretensa imparcialidade nada mais é do que o ocultamento do partido que se assume e nesse sentido, tem contribuído para tornar invisíveis componentes da profusa composição da humanidade. O lugar a partir do qual se fala configura as assertivas feitas muito mais do que geralmente se admite. Não apenas gênero, mas outras realidades se mostraram negligenciadas pelo ponto de partida assumido em grande parte da elaboração científica e, aqui, especificamente teológica. O que salta aos olhos agora é o fato de que aquilo que se entendeu por 'humanidade', nada mais era do que a perspectiva do homem branco, europeu, de classe média e heterossexual.

Enviado pela referência masculina que se expressa na linguagem, o refletir acerca da humanidade a partir da experiência feminina, é fenômeno relativamente recente. As lutas feministas não possuem nascedouro especificamente teológico. Conflitos sociais que eclodiram no século XIX adentraram a história com grande vigor³. Já no século XX, as Teologias da Libertação, são parte significativa do processo de conceder voz a parcelas da sociedade omitidas nas reflexões teológicas na América Latina. A despeito disso, tendo em vista seu primário recorte baseado em concepções socioeconômicas, demorou algum tempo para que as questões de

¹ SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos de sabedoria*. Uma introdução à Interpretação Bíblica Feminista. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009, p. 81.

² Apropriação das ideias de Pierre Bourdieu no livro VILHENA, Valéria Cristina. *Uma igreja sem voz*. Análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

³ ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. Coleção Primeiros Passos. Vol. 44. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.



gênero ocupassem o centro das atenções dentro da Teologia da Libertação⁴. Em outros ambientes, as Teologias Feministas, que já nasceram sob a égide da preocupação com o feminino, ergueram questões antropológicas urgentes para que uma temática tão variada como a ‘humanidade’ fosse efetivamente contemplada. Estas teologias encaram vez ou outra a acusação de serem elaborações parciais, ao que é importante responder que na verdade, toda produção goza desta condição. Tornar a premissa inicial clara nada mais é do que honestidade intelectual e deve ser acolhido como postura bem-vinda⁵.

Antropologia teológica do feminino?

Rechaçando-se o caráter monolítico do pensamento sobre o ser humano, cabe perguntar: será possível elaborar algo como uma antropologia do feminino? Ao realizar tal tarefa não se estaria novamente incorrendo no erro da invisibilização da fração que lhe é complementar?⁶ Não sendo mais possível abarcar a diversidade das vivências humanas no bojo hora denominado ‘Antropologia’ quando se utiliza a epistemologia de sempre, a particularidade do gênero com tudo aquilo que este implica, será categoria não apenas delimitadora, como pensam alguns, mas elemento que chama à luz realidades até então encobertas pela densa massa do androcentrismo. “Mulheres não são simplesmente esquecidas; a espécie feminina é simplesmente compreendida como um caso excepcional da espécie masculina ‘humanidade’, enquanto a história de homens é definida como história geral.”⁷

Essa guinada epistemológica não é positiva apenas para mulheres. Considerando-se que a vida em sociedade não pode ser dividida de maneira estrita em departamentos marcados pelo gênero, tudo o que se move em uma esfera, certamente tem sua contraparte. Na percepção da autora Schüssler Fiorenza, não apenas mulheres estão socialmente submetidas à lógica do patriarcado, mas também homens. As estruturas que mantêm em destaque a figura masculina não possuem apenas recortes sexistas, mas também classistas⁸. Assim, a libertação do emudecido é também convite à conversão daquele que sempre teve ouvida a sua voz.

⁴ Para mais: BINGEMER, Maria Clara. *Latin American Theology. Roots and branches*. Maryknoll: Orbis Books, 2016.

⁵ Para mais: SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Bread not Stone*. The challenge of feminist Biblical Interpretation. Boston: Beacon Press books, 1995.

⁶ É sabido que as discussões de gênero ampliam suas definições para além do caráter binário. Aqui, dado o escopo do trabalho, a mesma será preservada para que não se abra excessivamente o debate proposto.

⁷ BOCK apud SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese Feminista*. Resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST; CEBI; São Paulo: ASTE, 2008, p. 162.

⁸ A autora supracitada trabalha esta ideia em diferentes obras. Sugere-se um clássico de sua produção: SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher*. Uma nova hermenêutica. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.



Sendo a totalidade da vida humana englobada pelas análises da Antropologia Teológica, será necessário pinçar componentes para esta incursão. Considerando-se que os debates acerca do feminino na sociedade mais ampla têm gravitado em torno dos lugares passíveis de serem ocupados por mulheres por sua competência e vocação, seja no mercado de trabalho, configurações familiares e ambientes eclesiais, se torna mister atentar à argumentação teológica que subjaz aos embargos feitos ao gênero.

Nestas pelejas, alardeia-se com frequência, a legitimidade de determinadas hierarquias, supondo-se estarem estas baseadas em condições ontológicas. Nesse quesito, ao longo de sua história, a Teologia cristã se nutriu dos preconceitos e misoginia da cultura ao redor bem como ofereceu fundamentação escriturística para tais desajustes. Textos como os relatos da criação e pecado presentes em Gênesis 1 a 3 foram utilizados de formas funestas na reflexão sobre a condição feminina. A dignidade humana que se deriva da imagem e semelhança divina foi esquecida pelo soerguimento da temática da criação da mulher após o homem e sua responsabilidade no que se refere à miséria humana. Em lugar de uma Antropologia que considerasse os seres humanos em sua plenitude, o que se desdobrou no seio da elaboração teológica foi um dualismo antropológico que não apenas fendeu a experiência humana ao hierarquizar seus componentes, corpo e espírito, mas também pensou estas esferas como melhor representadas por gêneros específicos, assim, homens vinculados ao que há de mais sublime na humanidade, a racionalidade, intelectualidade e espiritualidade e as mulheres relacionadas ao que a humanidade possuía de pouco honroso, a corporeidade e suas paixões.

Os modelos antropológicos advindos deste dualismo cristalizaram nas sociedades ocidentais estereótipos acerca de homens e mulheres, com claro prejuízo do feminino. Em lugar da consideração da rica potencialidade humana seja no que diz respeito às faculdades abstratas ou concretas, mulheres são encaradas como seres humanos de segunda categoria, incapazes da vivência de sua humanidade integral. A falta de habilidade feminina em determinados campos foi removida de sua concretude histórica e dada como elemento ontológico. A negação de acesso a determinados ofícios foi justificada com a suposta subcondição feminina. Essa ordenação interessada em configurar os papéis sociais de gênero, apela à coadjuvância de mulheres que muitas vezes, de bom grado se submetem a vivência parcial de suas possibilidades enquanto seres humanos.

Uma antropologia que chame às discussões realidades que extrapolem as referências masculinas pode efetivamente encarar o ser humano de maneira integral e integrada. Nas palavras de Ivone Gebara: “Nessa mesma perspectiva deve-se pensar também uma Teologia cujos fundamentos, simbologia e linguagem respeitem profundamente a criação do ser humano –

homem e mulher.”⁹ Mais do que uma antropologia que reflete sobre a dignidade do feminino, se trata, sobretudo, de uma antropologia cristã que entende todas as pessoas dentro de um mesmo status.

Outro demérito da dominação presente nesta hierarquia antropológica é o fato de que ela destrói a potencialidade dos vínculos. Ser plenamente humano é algo que só pode ser concretizado a partir das relações interpessoais. Relações assimétricas são estabelecidas nas esferas sociais e eclesiais e desse modo, ambos os sexos são privados dos ajustes advindos de confrontos maduros. O caráter solidário humano fica turvado pela nuvem da desconfiança e descrédito com o qual se posiciona diante do outro. Em lugar de contribuir-se para que o outro obtenha o máximo de sua possibilidade, a dominação torna um sujeito em objeto. Nesse quesito, aponta-se como gritante o fato de que o corpo da mulher está sob tal poderio; de maneira repetida, é usado e objetivado. Para cama e mesa, como dizem. Sobretudo é importante evocar o fato de que no que se refere às esferas da autoridade eclesial, o corpo feminino é apontado como empecilho a que mulheres exerçam determinadas funções. A similaridade com Cristo, que deveria ser compreendida como concretização dos parâmetros humanos atestados em Jesus, é substituída pela similitude de sexo. Assim, mulheres são excluídas de funções sacerdotais simplesmente por serem mulheres.

Um último ponto digno de destaque no que se refere a trazer a experiência feminina à baila no pensar da Antropologia teológica é o fato de que o resgate da plena humanidade é fator essencial para a experiência religiosa.

O encontro libertador com Deus/a é sempre um encontro com nosso eu autêntico, ressuscitado de debaixo do eu alienado. Ele não é experimentado contra, mas em e através de relacionamentos, curando nossa relação quebrantada com nosso corpo, com as outras pessoas, com a natureza.”¹⁰

Se mulheres são despertadas para a beleza de sua própria condição, tomam conhecimento das contribuições que podem agregar às diferentes relações nas quais estão envoltas e, sobretudo, percebem sua dignidade criatural, podem lançar-se de maneira inteira no experienciar da realidade divina, bem como desdobrar as consequências deste relacionamento em esforços que contemplem outras parcelas esquecidas da humanidade. É imprescindível que se perceba que premissas que subentendam grupos sociais específicos como menos humanos do que outros maculam a integridade da existência humana como um todo.

⁹ GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América latina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989, p. 37.

¹⁰ RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião*. Rumo a uma Teologia Feminista. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1993, p. 65.

Considerações finais

Se o interesse em torno de compreensão mais acurada do fenômeno humano permanece patente nas sociedades como um todo, a recusa a buscá-la de formas excludentes, emerge vigorosamente. Os holofotes estiveram sobre a realidade masculina fazendo-a paradigma da experiência humana. Opor-se a percepções antropológicas que segmentam a múltipla existência humana é tarefa urgente de uma Teologia que deseje verdadeiramente refletir a experiência de Deus de modo abrangente.

O contemplar das perspectivas femininas no cenário da reflexão antropológica suscita três importantes transformações: A primeira diz respeito à consideração da humanidade em sua integralidade. Homens e mulheres, libertos da estereotipia que recai sobre seu sexo podem vivenciar a totalidade de sua condição enquanto ser humano dotado de possibilidades. Nesse sentido, abre-se caminho para a segunda conversão advinda deste processo: a possibilidade de um novo modelo de fraternidade. Pessoas inteiras contribuindo de maneira simétrica em seus vários relacionamentos é ponto de partida essencial para construções sociais mais equânimes. Finalmente, mas não menos importante, o elevar da condição feminina no bojo das considerações antropológicas pode fomentar uma caminhada rumo à dignidade e autocompreensão que impulsione uma experiência religiosa efetivamente libertária.

Referências

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. Coleção Primeiros Passos. Vol. 44. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BINGEMER, Maria Clara. *Latin American Theology*. Roots and branches. Maryknoll: Orbis Books, 2016.

GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América latina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião*. Rumo a uma Teologia Feminista. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1993.

SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Sílvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese Feminista*. Resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST; CEBI; São Paulo: ASTE, 2008.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher*. Uma nova hermenêutica. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

_____. *Bread not Stone*. The challenge of feminist Biblical Interpretation. Boston: Beacon Press books, 1995.

_____. *Caminhos de sabedoria*. Uma introdução à Interpretação Bíblica Feminista. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.



VILHENA, Valéria Cristina. *Uma igreja sem voz. Análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

[Recebido em: abril 2019 /
Aceito em: abril/2019]